

# Opiniões divergentes entre os bancos credores e Gros

por Paulo Sotero  
de Washington

O presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, e cerca de sessenta executivos de bancos credores, que se reuniram na manhã da sexta-feira, em Nova York saíram com opiniões bastante divergentes sobre o encontro. A um grupo de gerentes de bancos brasileiros em Nova York, com quem conversou no início da tarde, Gros classificou a reunião de "positiva" e previu que eles (os gerentes) "sentirão uma atitude mais favorável" a partir desta semana.

Membros do comitê, que receberam do presidente do BC a brochura contendo o plano de refinanciamento brasileiro, classificaram o encontro de "desencorajante e destrutivo". Eles disseram que a informação segundo a qual uma missão do Banco Mundial irá ao Brasil, depois da Semana Santa, foi recebida como "a única boa notícia", pois foi interpretada como sinal de que, nas palavras de um banqueiro, "talvez o governo brasileiro esteja começando a perceber que não pode viver isolado do mundo exterior".

O presidente do BC disse aos representantes dos credores que marcará nova reunião comeles provavelmente em maio, após a vol-



Francisco Gros

ta da missão. Por esta época, indicou Gros, o governo brasileiro deverá estar recebendo a missão de consulta anual do Fundo Monetário Internacional.

Segundo um participante, Gros nada pediu aos banqueiros e nada lhe foi concedido. Não foi bem isso, contudo, o que se passou.

Segundo o seco comunicado distribuído pelo Citicorp (que preside o comitê de bancos), Gros informou que brevemente enviará um telex "pedindo aos bancos credores que não solicitem o repagamento de cerca de US\$ 9,6 bilhões de amortizações de 1986, que se tornam exigíveis no dia 15 de abril", e que as mantenha depositadas no BC, de acordo com o arranjo atualmente em vigor. O

presidente do BC comunicou também aos bancos que "o governo brasileiro proporá no futuro uma emenda formal em relação ao dia 15 de abril".

"Gros pediu que os bancos credores, continuem a agir num espírito de cooperação", lê-se no comunicado. "O comitê reafirmou o desejo de manter o diálogo com o Brasil."

Os banqueiros fizeram também seus pedidos a Gros. Como já haviam feito na reunião de Miami, há duas semanas, eles insistiram em que o governo brasileiro faça um pagamento simbólico de juros, para provar sua boa vontade.

Gros respondeu-lhes com um "não", reafirmando a posição oficial, segundo a qual a volta dos pagamentos deve ser vista como o resultado natural da negociação.

Segundo uma fonte dos bancos credores, eles pediram também "dados mais detalhados sobre a economia brasileira, mas Gros não se mostrou cooperativo".

## QUERCIA

Se, ao pedir que o ministro da Fazenda, Dilson Funaro, se demitisse, a intenção do governador de São Paulo, Orestes Quercia, era colocar os representantes do governo brasileiro numa posição embaraçosa perante os credores inter-

nacionais privados do País, teve pleno êxito.

De acordo com relato que o próprio Gros fez a jornalistas brasileiros, quando ele chegou para a reunião, no Citicorp Center, os sessenta representantes de bancos tinham na mão o recorte de uma reportagem que o Wall Street Journal publicou na sexta-feira sobre o pedido de afastamento de Funaro, feito por Quercia.

"Não há nada mais desagradável do que sentar-se numa mesa de negociação numa situação dessas", afirmou Gros. Ele acrescentou, contudo, "que o importante não é quem está na cadeira de ministro. O que importa é que os banqueiros negociem com os representantes escolhidos e eleitos pelo povo brasileiro".

Aos jornalistas Gros afirmou que não houve, na reunião, um clima de confronto com os banqueiros. "Nós entregamos o plano. Eles vão estudar e, depois, apresentar suas dúvidas." Segundo uma fonte financeira, os banqueiros teriam interpretado a atitude de Gros como "beligerante". Outro participante da reunião contudo, afirmou que Gros, num contato separado com o presidente do comitê, William Rhodes, reafirmou que a disposição do Brasil é de negociação.